

PRÁTICA PEDAGÓGICA DIFERENCIADA COM OS INDÍGENAS XIKRIN, DO CATETÉ¹

Dr. Petrônio Lauro Teixeira Potiguar Júnior²

RESUMO

A intenção com este texto, é trazer uma relato de experiência que revele, de forma prática e dialogada, a materialização de uma prática pedagógica diferenciada, a partir da Licenciatura Intercultural Indígena, na Universidade do Estado do Pará, pelo Programa “FORMA PARÁ”, com indígenas da aldeia Xikrim do Cateté, na cidade de Paraupebas, sudoeste do Pará. Entendemos “prática pedagógica diferenciada” não com algo educacional menor, mas sim, como um contexto que articule ações pedagógicas à realidade local e às reflexões e ações criadas a partir dos professores-alunos-indígenas³, em quem os professores-parceiros da universidade se apresentam como interlocutores desse processo. A metodologia utilizada para este fim foi a vivência de 12 dias na aldeia, com a disciplina “Prática II”, composição do curso de licenciatura intercultural indígena da UEPA. Como resultado, foi revelado que a construção de uma ação pedagógica diferenciada deve se pautar na realidade local, pensada pelos indígenas, em que se consegue perceber uma epistemologia em andamento, pautada na oralidade, fruto de experiência cotidiana no tempo e no espaço, as quais são ferramentas imprescindíveis para a construção de uma prática pedagógica intercultural, em que a dialogicidade e a parceria entre indígenas e professores parceiros não indígenas da UEPA seja o pilar para a construção, atos e fatos de “uma peça de teatro” que encaminhe para uma universidade e uma epistemologia indígena em curso, na busca do bem viver e na desconstrução de um eurocentrismo acadêmico ainda em voga no Brasil.

ABREM-SE AS CORTINAS: O ESPAÇO EDUCACIONAL QUE NOS COUBE NO TERRITÓRIO XIKRIN DO CATETÉ

Neste texto, vamos nos deter em fazer um relato de experiência educacional, durante a realização da disciplina “Prática II, como componente curricular”, no curso de Licenciatura Intercultural Indígena⁴, no Programa “FORMA PARÁ”, coordenado pelo Núcleo de Formação Indígena – NUFI, da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Isso ocorreu com encontros presenciais de 80 horas, em dez dias e a distância, em 20 horas, totalizando 100 horas, com professores-alunos-indígenas,

¹Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia 9Ano 2024)

² Doutor em Antropologia e Sociologia pela Universidade Federal do Pará. Professor efetivo, dedicação exclusiva, da Universidade do Estado do Pará. Email: ppotiguar@yahoo.com.br. Todas as imagens aqui usadas foram autorizadas pelos alunos Xikrin, do Cateté, através de um documento por eles assinado, após a exposição deste texto, por completo, em julho/2023

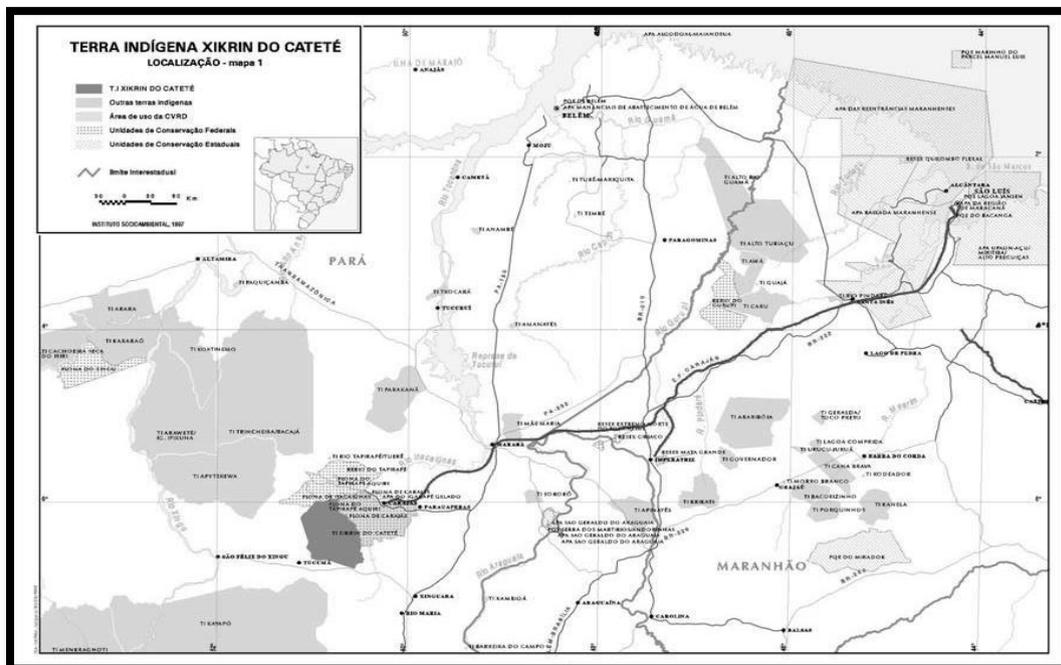
³ Quando me referir aos alunos do “PROGRAMA FORMA PARÁ” Intercultural Indígena, usarei sempre a denominação “professores-alunos-indígenas”, para diferenciá-los no momento da citação, durante o texto, dos alunos indígenas do ensino fundamental médio, público ao qual a “Prática” foi direcionada.

⁴ Intercultural será entendido aqui como um processo de relação entre pessoas, em especial, de culturas diferentes, em uma simbiose de respeito nas suas particularidades. Foi sob essa base que o próprio curso de Licenciatura Intercultural Indígena surgiu.

na aldeia Xikrin do Cateté, no sudeste do Pará.

O objetivo da disciplina “Prática II” é relacionar teoria e realidade, ministrada e orientada *in loco* pelos docentes da UEPA, por meio de planejamentos pedagógicos dialogados e materializados pelo alunos-professores-indígenas, com discentes do ensino médio e fundamental, por meio de um plano de aula. O espaço da realização dessa experiência foi nas Terras Indígenas Xikrin do Cateté, localizadas na região Norte do Brasil, Amazônia legal. Tal território faz parte do conjunto de aldeias na cidade de Parauapebas, sua sede municipal, no sudoeste paraense.

Mapa 1: Aldeia Xikrin do Cateté, em vermelho.



Fonte: Instituto Socio Ambiental/2020.

A T.I Xikrin do Cateté possui três aldeias principais, assim nominadas: Xikrin do Cateté, Djudjekão e OOdja, com aproximadamente dezenove aldeolas até 2023, segundodepoimento de alguns alunos indígenas. A língua falada nesta aldeia é a Kaiapó ou Menbengokré, da família linguística Jê, Macro-Jê.

Para se ter acesso à referida aldeia, é necessário sair de Belém, capital do Pará, em uma viagem de 50 minutos de avião, até a cidade de Parauapebas. Desta última, acessa-se o mencionado território via transporte terrestre, durante nove horas de deslocamento. As aulas ocorreram na Escola ‘Bep Karoti de Ensino Fundamental e Médio’, que está sob a gestão municipal de Parauapebas.

Agora, partimos para o relato dos atos/passos que demarcaram tal experiência, sem uma preocupação com debates teóricos profundos, pela exiguidade do espaço que aqui dedicamos, ficando seu aprofundamento para outro momento.

PRIMEIRO ATO: PERFIL DO LUGAR

Não é nosso desejo e nem temos propriedade para tal, elaborar uma descrição densa que torne este texto uma etnografia, já que os únicos espaços que nos couberam naquele território foram o alojamento e a escola. Nos dez dias na aldeia Xikrin do Cateté, nosso ir e vir era constante. Isso, em dez minutos de caminhada do alojamento para escola e vice-versa, iniciando sempre às 8h da manhã e, a volta sendo às 12h. No período vespertino, dava-se início às 14h, sendo finalizado às 18h.

Fotos 1 e 2: A esquerda, o alojamento dos professores e, a direita, a escola Escola “Bep Karoti” de Ensino Fundamentale Médio, respectivamente, na aldeia Xikrin do Cateté.



Fonte: Petrônio Potiguar/março/2023.

Os indígenas Xikrin terão sua formação acadêmica finalizada no ano de 2025, já que o início de suas atividades ocorreu em 2022, pelo Programa FORMA PARÁ. Eles serão habilitados como professores do ensino fundamental e médio em território indígena, como aconteceu com outros povos, a exemplo da aldeia Mapuera, noroeste do Pará, pelo Programa PARFOR, de 2012 a 2017, que propiciou um percentual de 100% do total de professores que ali atuam no ensino básico, serem das etnias que nesta aldeia residem (POTIGUAR JÚNIOR, 2023).

Na aldeia Xikrin do Cateté, nosso olhar atento nos permitiu fazer algumas conjecturas. Primeiramente, a turma do “Intercultural Indígena” é majoritariamente masculina. No entanto, uma mulher foi aprovada no processo seletivo, realizado

pela UEPA nesta aldeia, mas se retirou da turma posteriormente. Isso nos possibilita pressupor que o perfil predominantemente masculino da turma tenha sido o motivo para que ela se afastasse do curso.

O contexto acima não significa dizer que a mulher tenha presença pormenorizada nesse território ou nas decisões na aldeia Xikrin do Cateté. Isso é tão verdade que, das turmas de alunos do ensino médio e fundamental nesta aldeia, observa-se a presença de um quantitativo elevado de meninas. Possivelmente, isso ocorra pela obrigatoriedade educacional de se alfabetizar e a necessidade de se comunicar na língua materna e no português, para demandas futuras⁵.

Nas leituras de Vidal (2020), que pesquisa esse povo desde 1960, a mulher tem presença marcante, inclusive nos mitos do local, como o da “Estrela do Céu”, em que se fala da origem das plantas cultivadas nessa aldeia esta ligada ao genero femenino⁶. Não escapou aos nossos olhos que, em todos os fins de tardes, momentos em que encerrávamos nossas atividades na escola, as mulheres praticavam futebol diariamente na quadra externa da escola, revelando que tal prática não era de domínio somente masculino na aldeia Xikrin do Cateté.

Mesmo não estando em sala de aula, as mulheres têm presença marcante nos espaços da aldeia. Sua aparência sisuda e os questionamentos constantes sobre o que outras mulheres (no caso, as professoras da UEPA) estavam fazendo naquele lugar,

⁵ O poder feminino é tão presente nesses territórios que, pela primeira vez, uma mulher toma posse como cacica do povo Xikrin, do Cateté. Kôkôti Xikrin, de 28 anos, foi escolhida pelo pai e aprovada pela comunidade por sempre ter demonstrado interesse pelas questões do seu povo, conforme foi veiculado pelos meios de comunicação do estado do Pará, como o jornal “O Liberal”, e do Brasil, a exemplo do “Jornal Nacional”, ambos afiliados da Rede Globo.

⁶ O mito da “Estrela do Céu” diz que um indígena adulto/jovem, junto com outros ‘parentes’, estavam a contemplar o céu. Ali, todos possuíam uma noiva, menos um dos jovem. Com o desejo de possuir uma pretendente, tal jovem dormiu olhando para o céu e sonhou, momento em que uma estrela desceu do céu, a *Nhiokbôkti* se apresentou ao jovem e disse que seria sua noiva. O indígena aceitando tal condição, alimentou a estrela e a guardou dentro de uma cabaça para que ninguém a visse e que ficou na posse da irmã do jovem no momento de uma caça na floresta. A irmã, curiosa, disse que iria abrir a cabaça para ver o que tinha dentro dela. O irmão insistiu para a irmã não abrir o referido material, mas não foi obedecido. Ao olhar dentro da cabaça, a irmã deste indígena batia insistentemente na cabaça e percebeu que a estrela/moça sempre ficava de cabeça baixa. Naquele mesmo momento, a mãe do jovem também viu a “estrela” e disse que iria pintá-la com tinta de jenipapo e colocar plumarias nela para que ficasse mais bonita, similar a uma indígena Xikrin. Na floresta, no acampamento, procederam com a pintura e a colocação dos enfeites na “estrela”. Assim, ela ficou com uma beleza que chamava a atenção e despertou a curiosidade e o desejo dos outros homens. Mas esse contexto incomodou a “estrela”, despertando o desejo nela de voltar ao céu para visitar o sogro e a sogra de seu noivo, com o intuito de lhe trazer presentes, a exemplo do “filho da banana”, abóbora, inhame, batata, macaxeira para plantar na aldeia. A partir daí ela passou a morar e viver na aldeia com seu noivo. Foi esclarecido que não foi *Nhiokbôkti* quem trouxe mandioca brava, mas não a macaxeira amarga. O mito ressalta que foi a “Estrela do Céu” quem trouxe as plantas cultivadas neste local, mas que a mandioca brava, pouco apreciada pelos indígenas, foi inserida na aldeia pelas “roças dos cristãos” colonizadores que por ali estiveram.

dão a dimensão não apenas de uma possível vigilância sobre seus maridos, mas também a preocupação com seu território e dos que nele estão inseridos. Assim, sempre atentas aos reais objetivos de tais estadas.

Outra situação ocorrida revelou o poder de decisão que a mulher Xikrin possui: em um momento de deslocamento da escola para o alojamento, deparamo-nos com uma família: pai, mãe e um filho, em que este último era transportado pela mãe, em um carrinho de mão, sob a vigilância do pai. De pronto, o professor da equipe pediu para registrar uma imagem com o celular, do cenário que se apresentava ali. Naquele momento, a mãe disse que não permitia nenhum tipo de registro fotográfico⁷.

A postura da mãe do indígena é compreensível, devido a fatos pelos quais têm passado os povos indígenas ao longo da história, ou seja, de exploração de seus recursos, de suas músicas e, principalmente, de sua imagem. Historicamente, tal contexto se deu pela comercialização de produtos de toda natureza e que foram saqueados, de forma vil, pela presença dos branco colonizadores, sejam eles garimpeiros, madeireiros, empresas exploradoras ou pesquisadores mal intencionados.

Durante a esta na aldeia Xikrim, do Cateté, foi possível fazer outra constatação: observou-se que não somente os alunos do “Intercultural Indígena”, mas também entre as crianças, as mulheres e toda a composição social da aldeia, é feito o uso constante e diário da pintura corporal.

⁷ Com a resposta da mãe indígena, pairou uma dúvida: a mãe tinha negado o registro da imagem por ser homem branco o solicitante? E se, caso uma professora tivesse feito o pedido, tal solicitação seria permitida? Mas são nuances que só a convivência por longo tempo e um olhar atento poderão responder.

Foto 3 : Aula inaugural do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA, FORMA PARÁ, do povo Xikrin, do Cateté, em Parauapebas. Destaque para a pintura corporal



Fonte: <https://www.uepa.pa.gov.br/pt-br/noticias/uepa-leva-ensino-superior-%C3%A0-etnia-xikrin>.

Sendo um demarcador da identidade Xikrin, foi-nos narrado que as pinturas corporais são uma forma de revelar a identidade do povo em tela e uma maneira de anunciar determinados eventos, como festas comemorativas, rituais de passagens e também revela o preparo para a “guerra”, denominação que dão, quando se organizam para protestos contra empresas instaladas na região que exploram o território, bem como para reivindicar seus direitos, inclusive de educação e saúde diferenciada, como ocorreu no mês de fevereiro de 2023, em que ocuparam o posto da Fundação Nacional dos Povos Indígenas - FUNAI⁸, sediada na cidade de Parauapebas.

- SEGUNDO ATO: CONVERSAS INICIAIS SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA INOVADORA.

A opção por revelar tal experiência com narrativas das orientações dos professores da disciplina “Prática II”, a produção de planos de aula e a intervenção pedagógica na “Escola Bep Karoti de Ensino Fundamental e Médio”, na aldeia Xikrin do Cateté, feitas pelos professores-alunos-indígenas desse curso, foi considerada assertiva, para que pudéssemos expor a organização e planejamento da referida disciplina, cujo diálogo entre professores da UEPA e alunos-professores-indígenas foi ação constante.

⁸ É bom esclarecer que, anterior a 2023, a FUNAI denominava-se “Fundação Nacional do Índio”, mas com as ações dos movimentos e a epistemologia indígena da atualidade, que repudiam a denominação “índio” por rememorar um colonialismo e uma forma pejorativa e menor de falar dos indígenas, essa instituição passou a ser denominada de “Fundação Nacional dos Povos Indígenas”.

As Práticas pedagógicas na escola seguiram as diretrizes contidas na ementa da disciplina “Prática II”, em que temas e debates partem da escolha dos próprios alunos, pela escuta qualificada, que antecede as intervenções. Isso ocorreu de forma focada, a partir de como os professores-alunos-indígenas compreenderam os conteúdos ministrados e de que forma estes auxiliaram na concepção, feitura e socialização de seus planos de aula. Além disso, foi necessário pensar e elaborar os materiais didáticos que seriam usados junto aos espectadores da prática pedagógica, os alunos do ensino fundamental e médio.

Antes da definição das temáticas; da elaboração do plano de aula e das intervenções pedagógicas dos alunos-professores-indígenas e futuros docentes do ensino médio e fundamental, os responsáveis pela disciplina “Prática II” fizeram exposições orais/teóricas sobre o que significava “prática pedagógica diferenciada” e de que maneira a temática se inseria no debate relativo à atuação destes futuros professores. Em seguida, ocorriam atividades, sendo seu alvo principal mensurar o processo de aprendizado dos alunos-professores-indígenas e de que forma isso iria contribuir para ministrarem suas aulas sobre conteúdos determinados na aldeia Xikrin do Cateté, considerando suas particularidades culturais.

Para alimentar o debate teórico realizado pelos professores da UEPA, a exposição do texto “Prática pedagógica diferenciada, crítica e libertadora em educação escolar indígena: fundamentos e objetivos éticos e epistemológicos”, de Geisel Bento Julião, um indígena Wapixana, do Estado de Roraima, foi fundamental, por tratar das práticas pedagógicas vividas e escritas por esse “parente” distante. O texto apresentava o seguinte resumo:

O presente artigo tem sua origem nas reflexões teóricas descritas em minha tese de doutoramento defendida em 2017. O referente estudo, de cunho qualitativo, envolveu pesquisa teórica e observação no campo de pesquisa. A desvalorização dos diferentes conhecimentos indígenas no currículo escolar é o problema de pesquisa que tem norteado minhas pesquisas mais recentes, inclusive a pesquisa no doutorado. Portanto, esse texto, em particular, tem como objetivo apontar e descrever os fundamentos e objetivos éticos e epistemológicos da prática pedagógica diferenciada, crítica e libertadora em educação escolar indígena. Concluiu-se que a construção de uma educação escolar indígena perpassa pela construção de uma prática pedagógica diferenciada. Essa, precisa ser pensada sobre fundamentos éticos e epistemológicos que tenham como objetivo principal a valorização da vida, o reconhecimento e valorização dos diferentes conhecimentos indígenas no currículo escolar. (Julião,

2019, p. 1).

Articulando pesquisa teórica e de campo, o autor traz sua experiência do mestrado e reavaliada em sua tese de doutorado na Universidade Federal de Roraima, UFRR. Essa pesquisa revelou a desvalorização dos conhecimentos indígenas no contexto da educação escolar indígena local, pensada pelas secretarias estaduais e municipais de educação. Para ele, uma educação escolar indígena diferenciada materializa uma prática pedagógica libertadora, “a la Paulo Freire”, base de sua discussão.

Foto 4: Momento da leitura “Prática pedagógica diferenciada”, de Geisel Bento Julião.



Fonte: Petrônio Potiguar/março/2023.

De posse desses conhecimentos teóricos, os alunos-professores-indígenas Xikrin foram incentivados à reflexão sobre as suas práticas pedagógicas, focadas nas problemáticas que assolam seu cotidiano escolar da e na aldeia. Após esse momento, eles se reuniram em grupo de três componentes, para elegerem os principais problemas correntes no contexto da aldeia, envolvendo o contexto escolar, momento em que eles socializaram as temáticas e o público por eles escolhidos para efetivarem sua intervenção futura, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1: Temas e público alvo escolhido pelos alunos-professores-indígenas Xikrin nadisciplina Prática II, como componente curricular.

TEMA	PÚBLICO ALVO	NÚMERO DE EQUIPES
As dificuldades da escrita da língua Xikrin para o português e vice-versa	Alunos do 1º ano do ensino fundamental	2 grupos
O desmatamento e o desaparecimento do Território	Alunos do 9º ano do ensino fundamental	1 grupo
O calendário produtivo do povo Xikrin como valorização da cultura local	Alunos do 3º ano do ensino fundamental	1 grupo
A importância da linguagem matemática do povo Xikrin	Alunos do 9º ano do ensino fundamental	1 grupo
A valorização dos alimentos tradicionais frente aos alimentos industrializados provocadores de doenças	Alunos do 3º ano do ensino fundamental	1 grupo
A valorização das tecnologias Xikrin, o arco e a flecha	Alunos do 1º ano do ensino fundamental	2 grupos

Fonte: Potiguar Júnior//março/2023.

Escolhidos os temas e grupos os quais iriam ser focadas suas intervenções pedagógicas, a próxima etapa foi explorar o potencial didático desses alunos-professores-indígenas, por meio de uma aula expositiva sobre como produzir um “Plano de Aula”. Na leitura do texto de Marcia Fernandez, denominado “Plano de aula: como fazer, modelo e exemplos”, foram demonstrados os passos necessários para a elaboração desse instrumento didático, em vista de pensar, sistematizar e materializar uma prática pedagógica.

Na exposição, foi esclarecido que em um “Plano de Aula” deveria conter: introdução, em que as equipes relatassem de que forma surgiu a intenção de expor uma aula sobre o problema eleito por elas. Posteriormente, deveria ser indicado o público-alvo da ação e as ferramentas a serem usadas, para atingir os objetivos desenhados por cada equipe, relativo às intervenções que iriam realizar.

Era necessário esclarecer a metodologia usada para a exposição de aulas aos alunos do ensino fundamental e médio, materializando de forma clara as ações efetivadas na atividade prática pedagógica inovadora e as ferramentas/instrumentos

usados para atingir os objetivos por eles elencados. A etapa final do plano de aula deveria estar focada na forma como os alunos-professores- indígenas iriam elaborar a avaliação dos alunos em seus contexto e séries, conforme apontado no quadro acima.

Foto 5: Momento da exposição do “Plano de Aula”.



Fonte: Natalia Nascimento/março/2023

O próximo passo foi realizar a orientação, de forma prática, do “Plano de Aula”, por grupo. Tal atividade, demandou tempo elevado dos orientadores da disciplina em questão, para que os alunos-professores-indígenas absorvessem e materializassem a escrita da referida ferramenta, expondo o planejamento e as ações previstas para sua prática pedagógica de forma concreta.

Para auxiliar na construção do “Plano de Aula” foi desenvolvido a atividade “Árvore dos problemas”, uma dinâmica que incentivava os alunos a refletirem sobre o contexto educacional local e detectarem problemas existentes, as causas deles e identificarem possíveis soluções para os entraves sociais e culturais encontrados na aldeia Xikrin do Cateté, no âmbito da educação.

Foto 6: Momento de orientação sobre a técnica da “Árvore de Problemas”



Fonte: Petrônio Potiguar/março/2023.

O debate anterior juntamente com a atividade na imagem acima, possibilitou que os alunos apontassem os principais problemas existentes na aldeia Xikrin do Cateté, no campo educacional e refletissem sobre possíveis alternativas resolutivas para eles.

Tal ação teve o objetivo de centrar a atenção dos discentes pelos problemas levantados, sem diluí-los e, muito menos, trazer ideias generalistas que pudessem invisibilizar as questões elencadas pelos referidos professores/alunos/indígenas.

Para ajudar na construção do Plano de Aula e a construção de ideias para compor este instrumento, incentivou-se a leitura do texto “Cidadania, educação e povos indígenas: uma experiência de ensino universitário na aldeia Mapuera”, de Petrônio Lauro Teixeira Potiguar Júnior.

A experiência vivida pelo professor/autor, na aldeia Mapuera, no noroeste do Pará, entre os indígenas daquela região, os Wai Wai, trouxe os passos seguidos por ele e a formacom, junto aos alunos Wai Wai, construíram a “Prática” dos referidos professores/alunos/indígenas desse local, bem como a sistematização efetivada pelo docente na construção dos planos de aula, das temáticas e a maneira como os alunos do intercultural indígenas procederam para suas intervenções pedagógicas inovadoras.

Tal texto serviu para que os alunos-professores-indígenas Xikrin percebessem todo o processo de construção das práticas pedagógicas, assim como observar os papéis que foram desenvolvidos pelos discentes e pelo professor da referida disciplina, em Mapuera. Isso revelou a necessidade de motivar os Xikrin a

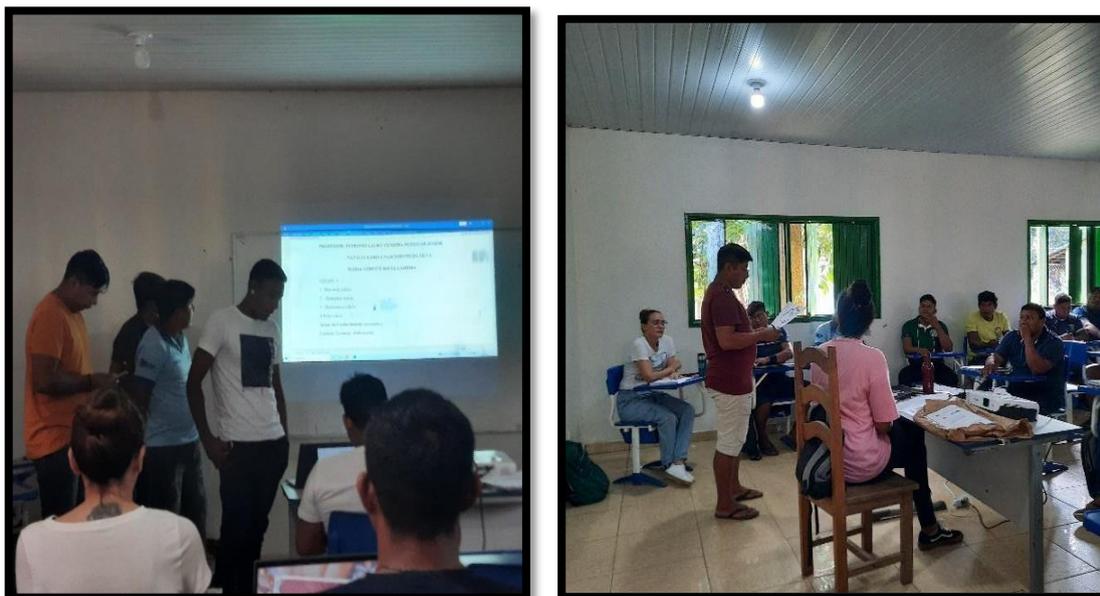
se espelharem na experiência lida e materializar sua própria ação a partir do olhar de outros “parentes”, o que os levou a fazer uma comparação saudável e buscar desempenhar um papel de protagonista por meio de suas ações práticas pautadas na realidade local.

As orientações mostraram diferenciais entre os alunos Xikrin: uns se apropriaram de forma imediata do conteúdo expostos e orientados, pela experiência que já possuem, por meio de programa na universidade como o Programa de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, que diz respeito à prática pedagógica desses alunos-professores-indígenas no acompanhamento de outros professores da rede municipal de ensino, dentro da escola, na aldeia. Outros não possuíam experiência de ações e práticas pedagógicas dessa natureza, de forma sistematizada e cadenciada, o que exigiu de nós, discentes da “Prática II”, atenção dobrada para que pudéssemos colocá-los próximos ao nível dos primeiros alunos.

De certa forma, foi um exercício de importância significativa, pois buscava motivar as “Práticas” pedagógicas que, futuramente, guiarão suas ações enquanto professores do ensino fundamental e médio dentro da aldeia.

No plano de aula, era explícita a forma e o conteúdo que os alunos iriam realizar para materializar sua aula. Isso foi possível perceber na exposição do referido material já planejado e elaborado pelos alunos-professores-indígenas aos professores da disciplina “Prática II”. Nesse momento, foi possível notar a absorção do conteúdo da disciplina pelos alunos-professores-indígenas do FORMA PARÁ, bem como a maneira direcionada de como iriam desenvolver a aula prática.

Fotos 7 e 8: Momento da socialização do Plano de Ensino pelos alunos Xikrin do Cateté.



Fonte: Petrônio Potiguar/março/2023.

Após a socialização dos Planos de Aulas com a turma, os professores da disciplina “Prática II”, da Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA, deram orientações necessárias para que tal instrumento fosse melhorado, assim como sua forma de apresentação. Os orientadores destacaram a necessidade de planejamento e organização anterior a qualquer apresentação de trabalhos acadêmicos, bem como espelhar tal organização quando da elaboração material da aula que irão ministrar aos alunos do ensino fundamental e médio, na materialização de sua prática pedagógica.

TERCEIRO ATO: PLANEJANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA INOVADORA.

Orientar a organização dos materiais para que os alunos executassem suas atividades prática foi o objetivo desse processo. Fazer um atendimento, por equipe, buscando cronometrar o tempo de apresentação, os instrumentos e a forma de como os alunos-professores-indígenas Xikrin iriam se articular para sua intervenção/prática, exigiu foco, sistematização e, principalmente, diálogo entre nós e eles.

Levou-se dois dias para a preparação das intervenções pedagógicas, pautadas em debates teóricos, um plano de aula, na “arvore de problemas” e nas orientações dirigidas. Isso revelou fragilidades dos alunos em não fazer a correlação

do plano de aula com a materialização do conteúdo, na prática. As dificuldades foram logo superadas por meio de orientações dirigidas e o foco dos alunos, que tomaram, por base, a localização dos itens “metodologia” e a “avaliação” que iriam ser realizadas com os alunos do ensino fundamental e médio.

Fotos 9: Momento de preparo dos materiais pelos alunos Xikrin do Cateté para a prática pedagógica com os discentes do ensino fundamental e médio.



Foto: Petrônio Potiguar/março/2023.

Com o olhar direcionado, os alunos/professores/indígenas fizeram um “link” desses dois momentos, já que a prática é efetivada de posse das informações do plano de aula. Isso também serviu de incentivo para que eles retornassem aos textos teóricos debatidos, no primeiro momento da disciplina, de Julião Geidel (2019) e de Potiguar Júnior (2023), com os Wai Wai no Pará.

Foi a partir do *link* dessas etapas, que as imagens, as fotos, os materiais didáticos, e os vários instrumentos elencados no plano de aula, foram se materializando, os quais iriam ser usados na prática desses alunos-professores-indígenas em sala de aula. Dessa forma, ficou evidenciado para os discentes que todo o plano de aula e a teoria estão interligados para a efetivação da prática em sala de forma concomitante.

QUARTO ATO: Chegou o momento das ações Práticas.

Os temas expostos no quadro 1 deste texto, foram problemáticas eleitas pelos grupos de professores-alunos-indígenas Xikrim, do Catete, para sua intervenção na disciplina “PráticaII”. De posse disso, rumamos para “o campo” (a

sala de aula), onde os professores- alunos-indígenas fizeram suas intervenções por intermédio de aula dialogal. Exposição de imagens, desenhos elaborados, demonstração da cultura material local, dependendo do tema abordado, foram ferramentas usadas para articular a fala com a qual estava sendo mostrado como conteúdo, sem perder de vista o foco dado em cada plano de ensino.

Após assistirem as aulas dos professores/alunos/indígenas, era realizada uma avaliação dos alunos do ensino fundamental e médio, tornando possível perceber se a

aprendizagem fora absorvida na sua forma e conteúdo. Nesse momento nós, professores-interlocutores da UEPA, procurávamos observar de que forma os discentes do ensino fundamental e médio absorviam ou não o conteúdo em seu processo de ensino-aprendizado ministrados pelos professores-aluno-indígenas Xikrim, do Cateté, conforme as fotos 12 e 13.

Fotos 12 e 13: Intervenção sobre o tema “Comidas tradicionais”



Foto: Petrônio Potiguar/março/2023.

A foto 12 traz a exposição do professor-aluno-indígena sobre os benefícios dos alimentos tradicionais produzidos na aldeia, como beiju e castanha, frente aos prejuízos que os alimentos industrializados, como macarrão, refrigerante e arroz, podem trazer aos indígenas da região. Na sequência, a foto 13, revela os alunos do terceiro ano do ensino fundamental, desenhando os alimentos que eles julgavam trazer benefícios à saúde e os que oportunizavam prejuízos ao corpo, seja por manifestações de doenças, como a diabetes e pelo aumento do peso corporal, causado pela ingestão de alimentos industrializados.

As fotos 14 e 15 revelam momentos da intervenção dos alunos-professores-indígenas em sala de aula, cuja temática tratava da importância da língua materna junto ao ensino da língua portuguesa. A ideia da aula foi estimular debates e, de forma lúdica, levar os alunos do ensino fundamental 1 a fazerem articulações de palavras na língua “Jê” para português, bem como relacionar desenhos de animais da região às suas letras iniciais, em português, como demonstra a foto 15. O objetivo

foi não deixar “cair no esquecimento a nossa língua materna, só para aprender o português, mas sim fazer o aluno aprender as duas”, segundo um professor Xikrin.

Fotos 14 e 15: Intervenção sobre o tema “A importância da Língua Materna e o Português”

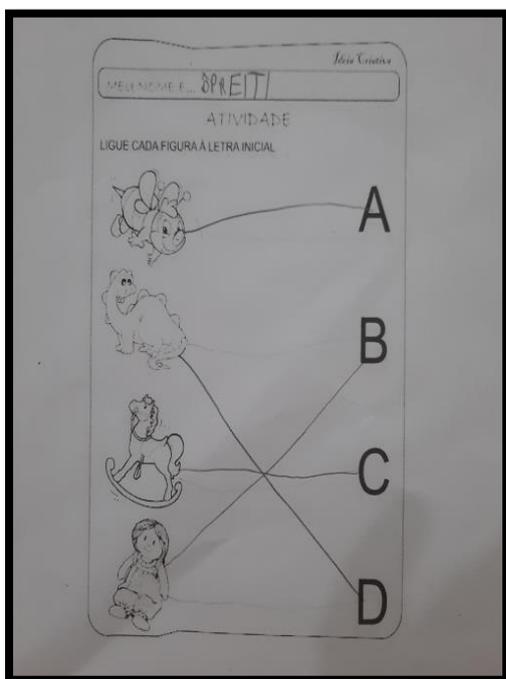


Foto: Petrônio Potiguar/março/2023.

As fotos 16 e 17 revelam um momento emblemático. Trata-se da temática relativa à produção de flecha, uma tecnologia indígena pouco valorizada pelas crianças e jovens Xikrin, segundo informes dos professores que realizavam a intervenção. A intenção destes professores, era motivar os alunos do ensino fundamental, a desenhar e produzir tal tecnologia que, segundo os primeiros, está “caindo no esquecimento”. Para tal atividade, os professores convidaram um ancião” notório saber da aldeia, que domina a técnica desse tipo de produção para orientar os alunos do 1º ano do ensino fundamental a desenhar os passos necessários para a feitura dessa tecnologia local que serve para a caça e a pesca.

Fotos 16 e 17: Intervenção sobre “O arco e flexa como tecnologia e identidade Xikrin”



Foto: Petrônio Potiguar/Março/2023.

A foto 18 mostra os professores/alunos/indígenas tratando da importância da matemática na linha materna articulada ao português, entre os alunos de todas as séries, tendo como foco os discentes do 9º ano do ensino médio. Além disso, na intervenção pedagógica, os professores estimularam os alunos a fazerem contagem como subtração, adição e divisão, a partir das práticas dos ancestrais, num claro exercício de etnomatemática

Foto 18: Momento da “prática” sobre a linguagem matemática



Fonte: Petrônio Potiguar/março/2023.

Para esse mesmo público, conforme as fotos 19 e 20, foi apresentada a temática “desenvolvimento sustentável”, especificamente sobre o desmatamento, em que os alunos foram participativos quando foi sugerido que eles identificassem animais que estão em processo de extinção ante às queimadas na região.

Fotos 19 e 20: Intervenção sobre o tema “Sustentabilidade” e “A importância da matemática Xikrin”



Foto: Natalia Karina Silva/março/2023.

FECHAM-SE AS CORTINAS

Como todos os atos de uma peça de teatro, fica a mensagem de que a partilha entre os artistas e o público é o ápice desse processo, momento em que se fecham as cortinas e abrem-se perspectivas de que a peça assistida seja difundida para que mais pessoas venham assisti-la.

A metáfora acima é uma maneira de expressar o quão foi valioso a troca de conhecimento entre nós, professores da UEPA, e eles, os professores-alunos-indígenas Xikrin do Cateté. Não menos importante foi o público alvo – os alunos do ensino infantil, fundamental e médio – que, como bons componentes de uma peça de teatro, participaram de forma efetiva dessa “peça de teatro” educacional intercultural e inovadora, como aqui, vimos insistindo em nomeá-la dessa forma.

Ficou a sensação de que o público alvo desejava vivenciar mais as experiências que participaram pela forma e conteúdo inovadores a qual vivemos:

construir passo a passo de que maneira as ações pedagógicas iriam ocorrer; o dialogo, foi algo constante entre os reponsaveis pela disiciplina , os professores da UEPa e os aluno Xikrim, do Catete, possibilitando construir juntos as ações pedagócas de problemas e questões escolhidas pelos proprio indigenas e dialogados com seus parentes em fase de formação educaciional.

Daí a sensação de que outros públicos/alunos, em quaisquer povos indígenas, possam ter essa mesma experiência, já que a disciplina “Prática como componente curricular” é ação constante por ser parte imprescindível no currículo do curso de Licenciatura Intercultural Indígenas e base para a formação dos professores- alunos-indígenas por meio de práticas pedagógicas inovadoras, cuja base é o dialogo e, com certeza, será experienciada por outros povos indígenas, como ocorreu entre os indígenas da Aldeia Mapuera e, agora, entre os Xikrin.

Posteriormente, os povos indígenas Munduruku, de Jacareacanga e de Paragominas passaram por essas experiências, e novos públicos serão atingidos e convidados a partilhar esses momentos, dentro de suas particularidades políticas, econômicas, sociais e culturais, uma marca entre os povos indígenas, isto é, em que o único fator que os tornas iguais são suas diferenças. Até a “próxima peça”, em que novas cortinas se abrirão dentro de suas particularidades.

REFERÊNCIAS

JULIÃO, Geisel Bento. Prática pedagógica diferenciada, crítica e libertadora em educação escolar indígena: fundamentos e objetivos éticos e epistemológicos. In; **TEXTO DEBATES**. Boa Vista, n. 33, p. 157-168, jul/dez.2019

POTIGUAR JÚNIOR, Petrônio Lauro Teixeira. Cidadania, educação e povos indígenas: uma experiência de ensino universitário na aldeia Mapuera. **Série Vidas**, n.3, Editora CVRD. Rio Grande do Sul. 2023. (p. 100-120).

VIDAL, Lux. GIANNINI, Isabele Vidal. **Me´kukrodjo´-tum**. O conhecimento dosantigos. São Roquer. SP.:2020.